

14/11/95

Já TAMBÉM PODE SER UMA CRONICA

Nair Lacerda

Clarinha é uma garota que não conheço, mas que tem dez anos e uma bonita letra. Escreveu-me para dizer que não gosta de crônicas. Pergunta porque não escrevo estórias, pois ela gostaria de encontrar nos jornais, "cheios de coisas feias e horríveis", algumas estórias bonitas. E está especialmente empenhada em colecionar estórias bem antigas, "de gente de outro tempo, de gente do tempo de Adão". Ora, minha filha, eu não sou propriamente desse tempo, mas posso remexer na fundo da memória e tirar de lá algo que não sei de onde veio, onde e quando foi, mas que se reporta, nada mais nada menos, do que ao referido Adão. Portanto, ficam hoje os adultos dispensados de continuar a leitura, que a conversa é com a Clarinha.

Dizem que Eva, ao ter de enterrar Adão, meteu-lhe na boca três sementes de maçã, daquela mesma maçã que frutificara nos saudosos jardins no Paraíso e que tinha sido a causa de seu pecado de desobediência e rebeldia. Chorava a coitada, certa de que seu marido não poderia encontrar perdão, como ela própria não esperava encontrar. Muitos anos depois, no lugar onde o corpo do primeiro homem fora dado à terra nasceram três grandes macieiras que cresceram até atingir tamanho desmesurado. O estranho, entretanto, era que toda aquela imensa galharia jamais deu sombra ou fruto. Assim, aquelas árvores eram vistas, embora ninguém soubesse de onde provinham.

Um belo dia, armou-se tremendo temporal, e, vento, desatado em furia, atirou ao chão as três enormes macieiras, expondo-lhes as raízes ao ar. Do entrelaçamento daquelas raízes formou-se uma espécie de guia. Ali vinham ter os moradores da região, pensando em aproveitar para lenha a madeira tombada. Os primeiros galhos cortados, porém, recusavam-se a arder. Então, as maldições espolcaram por todos os lados, contra árvores tão inúteis depois de mortas quanto haviam sido em vida. E lá ficaram elas, abandonadas à sua sorte.

Um dia, um cavaleiro andante, para se abrigar da chuva que o surpreendera no caminho, embrenhou-se entre as raízes das macieiras, buscando o fundo da gruta que elas formavam. Tendo ficado ali muito tempo, e sendo grande observador, acabou por descobrir que aquelas árvores surgiam de um crânio descarnado e enorme, que estava enterrado no local. Deu parte de sua descoberta aos habitantes da região, que, percebendo qual era a origem das árvores detestadas, e atribuindo todos os males que eventualmente tombavam sobre eles, a existência das três macieiras estereis, mais indignados ainda ficaram contra elas. Arrastaram-nas, então, para um pantano, a fim de que ali apodrecessem e se desintegrassem, já que resistiam ao fogo. Durante a noite, porém, vinha um Anjo do Senhor, e com água trazida do céu, limpava as árvores do lodo que duran-

te o dia as cobria. Assim, elas não davam sinal de se corromperem. A gente do lugar, que jamais testemunhara a descida do mensageiro celestial, maldizia cada vez mais as estranhas plantas que teimavam em sobreviver ao seu odio.

Seculos e seculos se passaram, e um dia Jesus desceu à terra, onde sofreu injurias e tormentos, e onde foi finalmente condenado ao suplicio da crucificação. A herança de odio fora transmitida de geração a geração, e, assim, os habitantes da região onde as miraculosas árvores continuavam a existir, quiseram, para maior opróbrio dos condenados, que nelas fossem talhadas as cruzes que serviriam a Jesus e aos dois ladrões que com Ele deveriam ser supliciados. E além disso, quiseram que a cruz central se erguesse exatamente sobre a sepultura do primeiro homem. Assim foi feito. E quando a lança de um soldado brutal rasgou o lado do Divino Crucificado, o sangue que dali correu encharcou a terra e banhou a cabeça de Adão. E foi assim que ele recebeu seu primeiro e glorioso batismo, e para todo o sempre lhe foi perdoado seu pecado de desobediência e rebeldia.

Não me recordo de onde vem esta lenda, Clarinha, mas sua vontade está feita. Agora, por favor, não me pergunte se Eva também foi perdoada, porque a lenda não diz. Já vê que uma crônica pode, excepcionalmente, ser uma estória. E obrigada pela bela cartinha.